

A maior tiragem de todos os semanarios portugueses

Ano III—Numero 152

Preço avulso 1 Escudo

12 Páginas

O DOMINGO

SEMANARIO
R. D. PEDRO V-18
TELF. 631-N. LISBOA

ilustrado

AGENTES EM
TODA A PROVINCIA
COLONIAS E BRAZIL

NOTÍCIAS & ACTUALIDADES GRÁFICAS - TEATROS, SPORTS & AVENTURAS - CONSULTÓRIOS & UTILIDADES



AMELIA REY COLAÇO

Acaba de regressar do Brazil a gloriosa artista, Amelia Rey Colaço que na grande republica sul-americana alcançou um triunfo enorme, o qual engrandeceu o nome do Teatro Português no estrangeiro. A obra de propaganda nacional feita pela Companhia de Amelia Rey Colaço, merece a gratidão de todos nós e o *Domingo* por esse facto dedica á artista querida a sua pagina de Honra.

Brevemente no *TEATRO APOLO* a revista **SETE E MEIO**, da autoria dum dos co-autores do celeberrimo *TRINTA E UM*

cronica da semana por norberto lopes

Pobre semana!

HOUVE a semana da flor, a semana do livro, a semana dos hospitais, a semana dos mercados, a semana de Sintra, a semana de Cascais—e o João Semana. Vamos ter a semana dos artistas de teatro. Pobre semana!

Perguntará o leitor a razão por que se escolhe de preferencia esta divisão do calendario gregoriano para todas as iniciativas uteis ou simplesmente agradaveis que os nossos quotidianos lançam periodicamente?

Como se trata sempre de arranjar dinheiro para um fim caritativo, os promotores destas simpaticas iniciativas pensam com os seus bolões: «Vamos ver se mana algum dinheiro para os hospitais, para as escolas, para os pobres ou simplesmente para os cofres de beneficencia dos sindicatos profissionais.»

E nasceu assim as semanas de caridade. E nasceu assim a semana dos artistas de teatro. E nasce tambem assim a cronica da semana, cujo produto reverte a favor do meu cofre de previdencia. Diz o «Diario de Lisboa»—e o que o «Diario de Lisboa» diz para mim é um dogma—que se trata de pôr o comercio em contacto com o publico, atravez as nossas gentilissimas actrices e os nossos elegantissimos actores.

«Trata-se de oferecer a Lisboa um acontecimento interessante e inédito, gentil e animado, a um tempo util, decorativo e beneficente.»

Isto é, trata-se de pôr a sr.ª D. Lucilla Simões a vender «foie-gras» na «Charcuterie Française» e a sr.ª D. Palmira Bastos a medir rendas no Grandela; a sr.ª D. Luiza Satanela a pesar manteiga na rua da Prata e a sr.ª D. Ausenda de Oliveira a oferecer biscoitos na rua do Ouro; o sr. Erico Braga a impingir meias de seda na rua Augusta e o sr. Alexandre de Azevedo a vender chapéus de chuva no Rossio; o sr. Alves da Cunha a oferecer sapatos na rua Nova do Carmo e o sr. Armando de Vasconcelos a justar nabos na Praça da Figueira.

No final, o publico divertiu-se, nós tambem, o cofre de pensões dos artistas de teatro arrecadou alguns escudos, os comerciantes fizeram o seu reclame—e a Terra continuou a girar no espaço, como costuma fazer todas as semanas, que não são dos artistas, nem dos mercados, nem das florinbas da rua, nem dos hospitais, mas sim de toda a gente...

NORBERTO LOPES

Este numero foi visado pela comissão de censura

O TURISTE



—Diga-me, vou bem para a casa onde nasce Camões? —Vae, mas não o encontra em casa. Ele já morreu ha anos.

NOVIDADES E NOTICIAS D'AQUI E D'ALORA

Carlos Malheiro Dias

DETIDO pela doença, encontra se ainda entre nós o insigne homem de letras, formidavel architecto desse glorioso monumento que é a «Historia da Colonização do Brasil». Ha dias, o «Diario de Notícias», num belo artigo editorial, chamava a atenção do governo para a necessidade de aproveitar, em beneficio da c lectividade, o valor social que representa um homem como Malheiro. Dentro da nossa humidade, aplaudimos a iniciativa do «Notícias» e temos esperança de que os braços da Patria consigam prender, para sempre, junto de si, esse filho prodigo de talento e de virtudes civicas.

Fotografias dolorosas

A «Illustration» publica as primeiras fotografias relativas ao horrivel naufragio do transatlântico «Princesa Mafalda», nos mares do Brasil. Essas fotografias são duma traveza eloquência, porque, atravez delas, se adivinham as fases mais horribéis do naufragio, desde o momento em que o navio italiano iça o pavilhão de perigo até ao instante em que, de sobre a amurada dum dos barcos salvadores, são arremessados ao mar os naufragos que, mesmo depois de recolhidos a bordo, já não puderam escapar á morte. Cada naufrago vai dentro dum saco. Um dos sacos é pequenino; talvez não meça um metro... Leva o cadaver duma criança.



O novo sultão

MORTO o sultão de Marrocos, Moulay Youssef, a quem um ataque de uremia vitimou quasi subitamente, logo os «vizires e granvizires» escolheram o successor. O direito de progenitura não vigora entre os marroquinos Moulay Youssef deixava três filhos: um, quasi negro; outro, mulato; outro, quasi branco. O mais novo tem só dezoito anos, é fraco, é pálido... Mas é quasi branco. E os «vizires e granvizires» escolheram o mais novo, que se chama Sidi Mohammed e já recebeu, indiferente e sonolento, as homenagens dos ministros, dos «oulemas» de Fez, dos delegados dos «Chorga» ou descendentes do Profeta, da sua mãe, das mulheres do seu harem, e dos seus dois irmãos preteridos: o mulato Sidi Hassan e o quasi negro Moulay Idriss...



O cavallo e o esculor

ACABA de se renovar o milagre operado pelos quadros de natureza morta, pintados pelo grêgo Apelles. Sabe-se que os passaros vinham depenicar os frutos que Apelles pintava. O esculor inglês Herbert Haselstine modelou, agora, uma estatua equestre. O cavallo que lhe serviu de modelo foi o nobre Ashwanikumar, o qual, acabando de prestar os seus serviços artisticos, vinha sempre farejar o seu amigo de pedra, o seu amigo sempre frio, frio... O criterio estético da cópia servil da realidade está hoje muito desacreditado. Mas, apesar de tudo, ainda é ele o que predomina, perante a admiração dos simples e... dos cavalos.



Um reclame moderno

CHAMAMOS a atenção dos nossos leitores para o reclame da pagina quatro, com o qual toda a gente podá obter um belo relógio de graça.

Bilhete de jogador

O decreto que regulamenta o jôgo foi, finalmente, publicado na folha oficial. Nele se regista a necessidade de possuir um «bilhete de jogador», para se poder entrar numa casa de jôgo.



Auguramos um pleno fracasso a tal medida. É obvio que ninguem gosta de ser apontado como jogador profissional. A regulamentação do jôgo será talvez a mais eficaz tentativa de supressão do jôgo. Tudo o indica, e mormente o tal bilhetinho de identidade, provando que se é jogador, segundo confirmação de pessoa de reconhecida idoneidade...

Aprender a ler em 30 horas

O senhor ministro da Instrução mandou vir de Paris, a toda a pressa, uma certa madame que ensina a ler em 30 horas, como quem diz, desde o meio-dia de hoje até ás 6 horas da tarde de amanhã.

Achamos optimo. Talvez apenas um pouco infeliz, como serviço de propaganda de Portugal... O país dos analfabetos a chamar á pressa a madame da leitura por taxímetro vai talvez ser falado, nas revistas dos «boulevards»... Mas, coração ao largo! Entretanto analfabetos condenados a não serem, alguém ha-de escapar!



Uma grande esmola

DAR uma grande esmola não é dar muito; é dar bem.

Chegou ao nosso conhecimento a triste odisséia dum pobre estudante da 4.ª classe do Liceu de Pedro Nunes, que só penosamente, á custa dos maiores sacrificios sofridos por uma heróica avó, tem conseguido singrar... O pequeno é um estudante distinto, que merece todas as protecções. Simplesmente, como não é orfão—se bem que o seja, para efeitos de ordem material—, não pode ter qualquer protecção oficial. A's almas generosas que, nesta quadra de maior fraternidade, queiram ter a certeza de haver cumprido o preceito cristão de amparar os muito necessitados, recomendamos este caso. Quem deseje qualquer esclarecimento pode dirigir-se á nossa colaboradora Tereza Leitão de Barros, Travessa de Santa Quitéria, 66.

Uma pendencia

A propósito duma carta que publicamos referente a uma pendencia entre o sr. Conde da Esperança e o sr. capitão Botelho Moniz, faz-nos a «Situação» um belo reclame gratuito. Estamos agradecidos.

Chama-nos um jornal meio humoristico, o que é verdade.

Realmente a pendencia em questão tem uma fase ridicula e pitoresca. Tudo está em saber de que lado está esse ridiculo. E isso não é comnosco.

O Domingo Ilustrado

Brevemente, O Domingo Ilustrado entrará numa fase absolutamente diferente do seu aspecto actual, não só no que diz respeito á colaboração como a aspecto grafico.

Dois brilhantes jornalistas—os srs. José Sarmiento e Norberto de Araujo, virão para junto de nós.

Chianca de Garcia o dramaturgo cheio de modernismo, revela-se-nos um crítico de cinema de mérito e de senso raro.

Nogueira de Brito, o poligrafo notavel, fará as criticas de musica, e outros nomes surgirão, já em versos e cronicas, já em novelas á sensation, que tão apreciadas são dos nossos leitores.

Até vér...

questão prévia

Por FELICIANO SANTOS

ESTE mundo, afinal, não é nenhuma maravilha. Não tenho a pretensão de que o faria melhor do que ele é, se me tivessem encarregado de presidir ao seu fabrico, mas—modestia á parte—estou convencido de que se me nomeassem para uma comissão de inquerito ao funcionamento do mundo eu haveria de apontar no meu relatório graves irregularidades, propondo, ao mesmo tempo, alguns melhoramentos absolutamente necessários para o bom desempenho dos serviços mundiais.

Uma das irregularidades que mais inexoravelmente haveria de apontar era a do tempo. Calôr no inverno, nevoeiro no verão, chuvas torrenciais na primavera e frio de rachar no outono indicam que os serviços das quatro repartições do ano andam perfeitamente á matroca, já não direi sem rei nem roque, por não ser expressão apropriada, mas manifestamente sem chefes e sem director geral.

Ora deem os senhores a ponta do nariz de fora da gola do sobretudo, encarem-me este outono, que vai correndo e dizem-me se isto é um outono decente, como aqueles que nós conhecemos da literatura romantica, quando as mulheres fataes e tísicas passeavam nos parques solitários, desfolhando as ultimas margaridas e cuspinhando o ultimo sangue e os poetas seguiam o rasto da sua cauda sobre as folhas secas, dedilhando a lira, com imensa inspiração e sem bromo quinino.

Então, sim, os outonos eram suaves de temperatura e nem as palidas virgens usavam «fourrures», nem os grandes amorosos chapavam rebuçados de alléa. A serenidade da natureza, preparando-se para o grande sono do inverno, era solene e augusta, como a calma dum templo gótico. O côro irritante dos espirros, o inestético pingo do nariz não perturbavam a tranquillidade outonal; só no inverno se manifestavam, no segredo e na intimidade da alcova, com sinapismos, chá de borragem e botija de agua quente aos pés.

Mas tudo mudou e o outono da poesia é hoje essa estação que por aí se vê e se sente, tão desconfortavel como a estação do Terreiro do Paço. A graça petulante dos narizes femininos fica gravemente comprometida com o avermelhado dos defluxos. As golas levantadas escondem, nos homens, a elegancia das gravatas, nas mulheres, a graça dos decotes, substituindo-se á frescura da pele do colo a quantidade de pelo das raposas e outros bichos de abafar.

Não, este outono não é o que eu sonhei.



Feliciano Santos

LER NA QUARTA PAGINA O CONCURSO DA COSTUREIRA MAIS BONITA DE PORTUGAL

ENTRE CÃES



—Camarada, se a gente ganhasse assim, ha que valer a carga de pa...



POR AUGUSTO CUNHA

FALTA DE ASSUNTO

O assunto, como de resto tudo o mais, não tem abundado ultimamente.

E a prova é que mal surge qualquer lasquinha de acontecimento, todos se atiram a ele como gato a bofe.

Esta crise, que é sempre lamentável, ao atacar qualquer mortal, atinge proporções calamitosas para os pobres jornalistas.

O publico, que, em geral, tambem sofre dessa falta, pretende precisamente supri-la, na leitura dos jornais. E daí o martirio imposto áqueles que tem de justificar o titulo dos órgãos noticiosos, dando informações, noticias, contando casos, referindo acontecimentos.

Ora quando eles faltam, quando acontece não acontecer nada de novo, quando não ha noticias para dar, não ha melhor solução do que inventa-las ou pelo menos passar a ferro meia duzia de noticias sortidas em bom uso

to que o publico geralmente vai buscar aos jornais três tostões dêle.

O proprio comerciante que nos rouba no peso, na medida ou na qualidade da fazenda, não admite que no jornal lhe faltem com a dose do recheio do costume.

Se lhe não apresentam diariamente uma duzia de noticias bem servidas, com succulento molho de pormenores, que possam completamente saciar a sua curiosidade, a sua indignação é igual á de quem vai ao restaurante e sai de lá novamente esfomeado.

E' por isso que muitos jornais adoptam o sistema das entrevistas.

Quando não tem nada que dizer, põem os outros a falar por eles.

Assim, certas entrevistas e certas noticias fornecidas pela imprensa tem o aspecto e o fim unico daquele arrôis fingido, arrôis para fazer numero, arrôis verbo de encher de certas refeições.

E felizmente o publico tem sempre

muito bom estomago. Ha mesmo um grande numero que prefere arrôis aos outros pratos.

Tudo depende, é claro, da apresentação.

Desde que se dê ao arrôis uma apparencia de «fois-gras», o consumidor é capaz de devorar quatro colunas sem se engasgar. E no dia seguinte é muito capaz de repetir.

Desde que se mascare uma banalidade com o trajo de acontecimento de sensação, o publico mastiga sem pestanejar.

A falta de assunto é que não tem desculpa, nem perdão.

E afinal não se compreende uma tal intransigencia numa terra de sensaborões e macambuzios, justificando geralmente o seu silencio com o velho ditado de que «o calado é o melhor».

Só é melhor, de facto, quando meia duzia de asneiras ou banalidades o venham substituir.

A politica era uma grande fonte de assunto e forneceu o tema das cavaqueiras de botequim de muitas gerações.

Mas hoje está esgotada, passou de moda, não tem interesse.

Hoje defendemo-nos da falta assunto, fazendo apreciações sobre o tempo ou sobre a carestia da vida, que apresenta nestes casos a] sua unica vantagem.

O tempo é, porém, o mais falado. E quer esteja bom ou esteja mau, dá sempre que dizer, ha sempre qualquer coisa a censurar-lhe.

E é talvez por isso que ele se apresenta indeciso e transtornado, porque, como o velho da fabula do rapaz e do burro, já não sabe o que fazer para agradar ao mundo.

Mas de entre os que sofrem deste mal de falta de assunto, ha o grande numero dos que andam tão vazios de qualquer opinião, ideia ou pensamen-



ou esticar o reduzido interesse dos casos que aparecem.

Quantas vezes até da propria falta de assunto se faz assunto.

E quem vai ler que o diga.

Mas na verdade lamento os que do jornalismo fazem profissão e que diariamente são forçados a condenar a trabalhos forçados as suas penas, nesses momentos verdadeiras penas de sofrimento e de martirio. Ha penosos momentos em que a pena dum jornalista se transforma numa verdadeira pena de prisão ao linguado que tem de preencher. Momentos em que o pegar na pena tem o efeito do cumprimento duma pena.

Porque o publico não perdôa, apesar de sofrer por veses do mesmo mal; como paga, exige, impõe, não admite desculpas, não atende quaisquer atenuantes.

De resto, é só por ter falta de assun-

Os perús do Simpildrio

O Simpildrio, no dia em que se assinou a escritura da nossa nova fabrica de conservas de cortiça, mandou-me dois perús. Esperava, com certeza, que eu o convidasse para jantar, pois a gente só oferece um Perú quando tem vontade de o comer e não está para se dar ao trabalho de o assar. Mas nessa não caí eu. Os perús foram para a mulher e para os peizes, e quasi não chegava, pois os bipedes vinham muito magrinhos. Assim que os viu, minha mulher poz as mãos na cabeça... Que a carne devia ser muito rija e que o melhor seria embembeda-los.

Reunido o conselho de familia, deliberou-se que os bichinhos subiriam ao patibulo, depois de conveniente e deliciosamente embriagados. E, considerando que á hora da morte todo o justicado tem direito aos bens que não poude gosar em vida, em vez de aguardente, mandou-se comprar uma garrafa de Bénédicte, que saú carita, vamos lá com Deus...

Ora não lhes conto nada... Os perús beberam que se regalarão e, assim que a garrafa se esvaziou, lamberam os beiços enternecidamente. E, com licença de Vocelencias, ficaram bebidos que nem uns cachos!

Eu, que sempre tive o meu fraco pelos misterios do sub-consciente, pela

psico-analise do Freund e por todos esses altos estudos, pedi á mulher e aos filhos que me deixassem passar a «noite de vigilia» na companhia dos animaesinhos.

Encafeui-me lá numa dispensa, e, á luz dum candeeiro de petroleo, colhi essas impressões ultra-transcendentes, que vou dar á luz, num livro intitulado: «O Perú, Rei da Humanidade».

Dizem que o Perú é estúpido... Qual estúpido! Estúpidos somos nós, (não se preocupe o leitor, que os presentes são sempre exceptuados...)

Antes de mais nada, os dois manos perús suportaram estoicamente esses ultimos momentos. Não pensaram em fazer testamento, e contentaram-se em engrolar á pressa uma oraçãosita, para alívio da alma.

Olharam-me—eu fazia de juiz—com o mais profundo de todos os desprezos, sabendo que jera inutil apelarem para os meus sentimentos de caridade, visto que eu os não tinha.

E apesar de estarem sob a acção de uma tremendissima camoeca, não proferiram os palavrões peculiares a todos os bebidos. Não senhores... Portaram-se com a maior correcção, como criaturas de muito tino, de muito sizo e de muito boa familia!

to, que nem mesmo o pretendem ocultar.

E são os que não tendo que dizer quando nos vêem procuram arrancarnos o assunto que lhes falta.

E apertando-nos a mão, num ar parado, inutil e vazio, inquirem, bocejando:

—Então o que dizem eles?

Foi a um deles, cuja presença me era sempre desagradavel, que uma vez eu respondi:

—Ora, dizem tais coisas a seu respeito, que o melhor é não falarmos nisso.

Foi remedio eficaz. Nunca mais procurou interrogar-me.

Alem de lhe curar por completo a curiosidade, dei-lhe assunto para pensar, pelo menos, naquela noite.

AUGUSTO CUNHA

ALUGAR CASA



Ela—Este quarto é pequenino.
Ele—E' bom para a tua mãe, que é pessoa de ideias acanhadas

O REGULAMENTO



—O senhor chauffeur não sabe o regulamento de transito na rua?

—Não, senhor, por isso só ando no passeio

UM SEU CRIADO

Curiosidades

A PEÇONHA DAS SERPENTES

Ha cerca de um século, o Dr. Hering demonstrou o valor medicinal da serpente para tratamento de algumas doenças, como erisipela, gangrena, difteria, e certos achaques mentais. A provisão de peçonha recolhida pelo Dr. Herin, e espalhada por todo o mundo estava quasi a acabar, quando foi renovada, em 1910, por dois farmaceuticos de Nova-York. Da America do Sul foi trazida uma víbora de cabeça de lança e levada para o Jardim Zoológico de Nova York. Em presença de muitas sumidades scientificas, o professor Dittmars extraiu o veneno. A serpente foi obrigada a morder uma membrana presa ao gargalo de um vaso de vidro. Mordeu três vezes, depositando, no vaso, 17,75 grãos de peçonha, que serão triturados de maneira a durarem meio século.

UMA AVIADORA EM MINIATURA

A mais jovem aviadora do mundo tem quatro anos. Chama-se Edith-Rose, é filha do aviador americano R. D. Newton, a quem frequentemente acompanha nas suas viagens aéreas. Edith-Rose já conta 200 horas de vôo.

TRAVESSIAS DO ATLANTICO

A primeira pessoa que teve a idéa de estabelecer um serviço de navegação entre Nova-York e a Europa, foi um norte-americano chamado Scarborough. Em Maio de 1819 tentou a travessia—que realizou em pouco mais de um mês—num barco á vela transformado em vapor. Até 1830, nada mais se adiantou. Em 1830, um sábio illustre, o professor Lardner, escrevia uma extensa «memória» para demonstrar scientificamente que a travessia da Inglaterra á America por meio de navegação a vapor era um sonho irrealizavel. Mas três anos depois, o vapor americano *Sirius* fazia a viagem em três semanas. Em 1840, o *Great Western* fê-la em dezasseis dias.

Em 1866, o vapor francês *Washington* atravessou o Atlântico em vinte e um dias. Em 1872, gastavam-se doze dias para ir da Inglaterra á America; em 1879, sete dias e meio; em 1882, um pouco menos de sete dias; em 1896, seis dias. Actualmente os norte-americanos preparam navios capazes de fazer a travessia em quatro dias.

A RACIONALIZAÇÃO

Na Europa ha mais mulheres do que homens, mas na Asia, Africa e América predomina o sexo masculino.

A Russia é o país onde ha maior excesso de mulheres; tem seis milhões de mulheres mais do que homens. Segue-se a Alemanha, com mais dois milhões. Na India, pelo contrario, ha nove milhões de homens condenados ao celibato por falta de mulheres disponíveis; nos Estados Unidos ha dois milhões e no Japão há um milhão. O jornal alemão que publica esta curiosa estatística aconselha a *racionalização dos nascimentos*, para corrigir esta desigualdade.

UM GRANDE CONCURSO POPULAR

Qual a costureira mais bonita de Portugal?...

O inquerito do DOMINGO ILUSTRADO marca um exito sem precedentes

NOVAS QUADRAS

A' simpatica Clara, costureira da Alfaiataria Campos—R. Registo Civil 9—

Nos meus constantes sonhos
A tua imagem vejo
E nos teus labios risonhos
Me apetece dar um beijo

E's Clara, branca e pura
Como a agua cristalina
Eu te amo com ternura
O amar-te é minha sina

UM VIZINHO

Dedicado á gentil costureira da Casa Africana, Alzira da Piedade Cipriano.

Irradia tanta luz
O seu olhar de donzela!
Que, se a visse Jesus
Queria casar com Ela!

SILVENSE

A' D. Gloria (ingenua costureira da R. da Barroca).

Meu amor se fores Rainha
Que ideia satisfatoria!...
Deito uma bomba á entrada
Do alpendre da Gloria.

Festejar tamanha dita
Só com imenso barulho,
Pedra aqui, pedra acolá
Como ao alpendre o entulho.

Tu bem sabes que eu sou brusco
Já tua avó te dizia
Teu avô deitava bombas
Tua avó é que as fazia.

JOÃO ARNALDO MANIQUE
(Bombista c/ bombas de S. João)

A Leonor Costa, costureira da R. do Comercio. (Grande Bailarina da Academia de Belem)

Todos os que tu tens tido
Alemães, gregos, franceses,
Suecos, espanhois, romanos
Brasileiros, portugueses,

Carvoeiros, varredores
Limpa-vias, carpinteiros
Soldados, cabos, sargentos
Marqueses, condes, banqueiros,
Antonios, Marios, Enriques
Albertos, Lopes, Franciscos
Policarpas e Ernestos
Joaquins e Evaristos,
Còxos, manetas, ceguetas
Surdos, patetas, lulinhas
Veem todos eleger-te
A rainha das rainhas.

JOSÉ BARROS (Bairro Chinês)

A' menina Ilda, minha rival. (Costureira não sei aonde)

Mulher tu és ditosa, és feliz
Enquanto eu resignada soffro
Vivo em trevas, sorrir já não posso.
Mas... Que hei-de fazer se, Deus assim quiz?

Nasci p'ra isto. P'ra ser infeliz.
Gostarmos d'ele foi destino nosso.
Sê tu contente! Já que eu tanto soffro...
Amei sem querer. Não sei... como fiz?

Esse homem a quem eu e tu queremos
E com louco amor estremecemos
Nunca nunca me verá desposar

Por êle serás sempre preferida
Porem jámais serel correspondida
Ilda! Perdôa-me por o amar!...

UMA COSTUREIRA

A' graça insinuante e á beleza gentil e encantadora de «Madmoiselle Lili» (trabalha em casa) R. Barão do Corvo, V. N. de Gaia.

Se a estrela mais brilhante
Que illumina o firmamento
Te pudesse vêr um dia
Caia d'encantamento.

Se me amasses, querida,
Nem que uma hora só fôsse
Ficava sendo essa hora
Na minha vida a mais doce.

UM MANDARIM FILOSOFO

Na China antiga, quando um imperador entendia que um mandarim se portara mal, enviava-lhe uma magnifica caixa de laca, ricamente incrustada de ouro e pedras preciosas. Nessa caixa, vinha uma corda de sêda, o que significava que o mandarim devia enforcar-se, dentro do praso já estabelecido pelo uso.

Aconteceu, porem, que, em dada ocasião—conta um dos construtores do caminho de ferro de Pequim a Hankéon—um mandarim, que não era rico, recebeu o fúnebre presente.

Era um filósofo. Sorriu, vendeu a caixa e a corda de sêda, e «raspou-se»...

Os teus olhos sedutores!...
Por eles 'stou encantado
Vê lá quando te resolves a quebrar, Russa, este fado
No dia em que m' amasses
Todos os sinos tocavam
Poís os sácristas da terra
por minha conta ficavam.

ESOJ OTSUGUA

Lindos olhos tens loirinha
Mais lindos do que os meus
Eu peço por ti á virgem
Pede tu por mim a Deus

Quando te vi á janela
Palpitou-me o coração
Dêço a escada apressado
No meio da illusão

Quando para cima volto
E' meia noite já dada
Não te vejo meu amor
Está a janela fechada

Vivo iludido
Com o amor, uma illusão
Alma da minha vida
Ser do meu coração.

JULIO S. DE ALMEIDA

A' gentil costureira Fernanda Roldão Gouveia.—R. Campolide 234 (Trabalha em casa)

Jamais me esquecerei
Do teu nome querida
Dos bocados que passei
Quando te chamava minha

Os teus olhos um encanto
A tua boca um sorriso
Acabou... choro em pranto
Te verei no paraíso

E' vulgar no mundo inteiro
Dizer-se este iifão:
Não ha amor como o primeiro.
Mas eu creio be n q te não

Eu direi em tôdo o mundo
Esta minha opinião
Não ha amor como o segundo
Por quem tenho ainda paixão

Fui beijar a campã fria
Onde o amor por ti deixei
E inerte o encontrei
Amor belo dalgum dia

Adeus querida Fernandinha
Adeus cheio de saudades
Visto tu não queres ser minha
Te desejo felicidades.

J. V. FERREIRA

(A uma bonequinha que passa na Rua dos Fanqueiros).

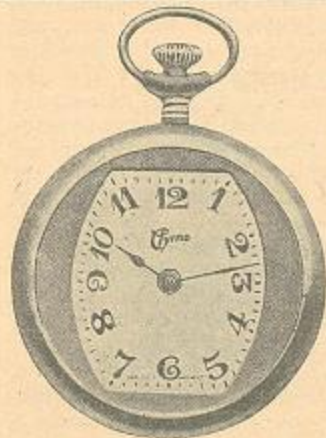
E's um anjo, um querubim!
E's um Amor sem defeitos.
Um Amor destes assim
Que chamam—amôres-perfeitos!

SEUSE DO ITOMBÉ

(A uma que não me conhece, mas que eu sei muito bem quem é).

Passaste por mim um dia
E tal olhar me deitaste!
Que explicar-te queria...
Mas tu não me deixaste!...

UM PACÓVIO



Quer um **Relógio** igual
a este, **de graça?**

Assine o Romance

REDEÇÃO

São 25 fascículos a
Esc. 250) cada fascículo.
Nova Empresa Nacional Editora,
Praça dos Restauradores, 13, 1.º Lisboa.

osulich Line

Presidente Wilson

esperado em 16 de Dezembro

Agentes: — E. PINTO BASTO & C.ª L.ª

LISBOA Telef.: C. 3801, 3602 e 3603

DOMINGO
Distrito

TEATROS

CA POR DENTRO O MOMENTO TEATRAL

A estrela da companhia
Carlos Leal-Rosa Mateus

Dois grandes sucessos numa semana... Já é muito. E se atentarmos que se trata de originais portugueses, é caso para sincero regosijo.

«Perdoai nos, Senhor!» e «A Noite do Casino» venceram em absoluto. Felicitamos Vasco de Mendonça Alves e Ramada Curto.

—Faz-se a provincia. Já por lá andam três companhias. E vão partir mais duas, a de Carlos Leal e Rosa Mateus e a de Lina Demoel. E afirma-se que Alves da Cunha também largará temporariamente o Nacional, com rumo á provincia.

Dantes, era no verão que os nossos artistas procuravam a provincia. Agora, é no inverno. Como os tempos mudam...

—Está marcada para 13 a estreia de «Muñecas del Foz», quinze tiples-dansarinas espanholas que vem representar a nova revista de Nicto de Molino, «E's ó no és?...», musica do maestro Casanova. Esses espectaculos apresentarão em fim de festa o fantasista argentino Walliery.

—Ilda Stichini volta em fins deste mez á Madeira, estando já aberta assignatura para um novo repertorio.

A insigne artista estreiará no Funchal, «Wang, vezes sabio!» peça catholica de Henri Ghéon, tradução do Dr. Alfredo Cortez, montagem de Leitão de Barros e «Meu Marido», a nova comedia de Paul Géraldy e Roberto

A tournée de Ilda Stichini tem sido verdadeiramente triumphal, não havendo memoria de tamanho exito artistico e financeiro.

—Despertou vivo interesse a tira reclame que a empresa do Apolo espalhou pela cidade, annunciando a revista «Sete e meio», a peça de estreia de uma grande companhia de revista. Ha empresarios que se queixam do reclamo, a pretexto de que muitas vezes ele não vale o dinheiro que custa. A verdade, porém, é que o reclamo, desde que é bem feito, vale uma fortuna. E não se deve olhar a uns miserios escudos, quando a publicidade tem originalidade.

Essas tiras do Apolo, á guisa de bilhete de electrico, annunciando a revista «Sete e meio», não serão o cumulo da originalidade. Mas merecem a classificação de «bom reclamo». O publico leu, gostou e reteve nomes.

Leia na quarta pagina o concurso das costureiras



AURORA SAIZ

de bom gosto—pelo estilo, muito seu, de frasear, Aurora Saiz ocupa um lugar á parte. E' uma verdadeira estrela do «couplet».

Uma nota de elegancia

Diz o couplet de maneira preciosa. Mascara expressiva, uma grande sciencia de atitudes. Aurora Saiz, com as suas toilettes, dos grandes costureiros de Paris, é uma nota destacada de elegancia. Contratada pelo empresario Artur Emaús, Aurora Saiz exhibe se, no Teatro Salão Foz, com as grandes atracções Maud de Forest, a estrela do «Revue Nègre», e «Ballet Scudor» (Nú Artístico).

Todas as coupletistas se parecem. Mais ou menos graciosidade... Mais ou menos «toilettes»...

Mas Aurora Saiz sobressai de entre a generalidade de coupletista, que nos visitam. E' que a sua arte é muito pessoal e tem um grande cunho de distincção. Pela sua discreta elegancia—e as «toilettes» de Aurora Saiz são modelos



ELISA DE GUIZETTE

A jovem e linda artista que brilhou no palco do Maria Victoria, Elisa de Guizette, vinte anos esplendentes de alegria, foi contratada por Carlos Leal e Rosa Mateus como primeira figura da sua companhia. A galante vedeta enquadra á maravilha no valoroso elenco.

UMA IDEIA LINDA

A Semana dos Artistas no Comercio

Aplauda-se sem reservas a iniciativa do nosso brilhante colega, «Diario de Lisboa», criando para os dias 9 a 15 de Janeiro a «Semana dos Artistas no Comercio», em que todos os profissionais de Teatro tomarão conta, durante algumas horas da tarde, dos estabelecimentos da Baixa.

Uma ideia gera outra... E sem querer empanar o exito que vai ter essa formosa iniciativa; e porque se trata de familiarisar os Artistas e o Publico, e ainda porque se aproxima o periodo das Festas, lembramos ao Gremio dos Artistas Teatraes, e ao Sindicato dos Profissionais da Imprensa, a or-

ganização de um espectáculo, que reverteria em favor dos cofres de ambas as associações e em que cooperassem artistas, jornalistas e homens de letras.

Esse espectáculo, num teatro de grande lotação, teria inicio á

Mãe noite de 31 de Dezembro

dando-se-lhe o caracter festivo que, pela sua natureza, requeria.

A's directorias do «Sindicato dos Profissionais da Imprensa» e do «Gre-

Brevemente no TEATRO APOLO a revista SETE E MEIO

mio dos Artistas Teatraes sugerimos» essa festa, sentindo nos plenamente satisfeitos se a virmos posta em pratica, garantindo-lhes desde já toda a nossa adhesão.

Trindade

«Perdoai-nos, Senhor», peça das mais formosas dos ultimos tempos, vi. e no Trindade co a uma interpretação impecavel Luílla Simões e Erico Braga, Maria Simões, Almeida, Amelia Pereira, Samwell e Luiza Fernandes realizam o original do Meadoiça Alves.

Pathé Cinema

Espectaculos modernistas com grandes atracções. O mais fresco cinema de Lisboa. Alegria e arte.

Gymnasio

Um novo original do vibrante dramaturgo que é Ramada Curto: «A Noite do Casino» com Palmira Bastos, Alexandre de Azevedo e Henrique d'Albuquerque nos principais papéis. Completem o conjunto Constança Navarro, Jorge Grava, Tarquini Vieira, Maria Judice José Moñoz.

Maria Victoria

Teluna a Companhia Hortense Luz com uma comedia essencialmente popular, «O Grão de Bico». Hortense Luz tem uma criação soberba, esplendida unanimemente pela imprensa e pelo publico.

Avenida

Companhia Sataclan-Amarante. A companhia mais simpatica de publico. Além de Amarante—o maior creador actual de tipos populares, este conjunto conta elementos como Luiza Sataclan, uma notavel actriz que reúne o encanto duma mocidade fresca se «tic» parisiense de seu estilo. Hoje e por enquanto todas as noites «Agua-pé».

Foz

A elegante «boite» da Calçada da Gloria obriga Maud de Forest, a celebre estrela da «Revue Nègre» de Paris. Este contract é uma audacia de Artur Emaús, pelos seus exagerados encargos. Ainda Aurora de Saiz, e Ballet Scudor (Nú Artístico), por 5 formosas dançarinas alemãs.

S. Luiz

Armando de Vasconcelos reaparece no São Luiz, agora de ponto em branco. A nossa grande companhia de opereta em que se contam os nomes de Auzenda d'Oliveira; de Aldina de Sousa, de Vasco—ant'Ana, de Fernando Pereira, de Sylvio Vieira, de Carlos Viana, de Maria Alvarez, teve uma rente triumphal com a famosa opereta «El Rei Sovero», que no Porto alcançou um grande e justificado exito.

Eden

Jose Climaco reabriu o seu teatro-mascolte com «Rossas de Portugal», um milagre de belza. A formidavel Adalina está na companhia cercada de elementos moços, nam «clan» magnifico para se fazer arte a serio.

Nacional

O primeiro original da epoca: «O Marquez de Carriche» adoravel peça de evocação. Lombo portuguez fortmente vi. ado. O seu auctor, D. João de Castro, é recommendação bastante... Mas ha ainda a companhia Alvess da Cunha...

Coliseu

As maiores atracções dos principais circos do mundo no vastissimo, elegante e confortavel Coliseu dos Recreios. A actual companhia, organizada pelo «savoir faire» de Ricardo Covões, é a maior e a melhor que se exhibe na Europa. Elrey, o celebre artista sem braços. O sensacional numero dos 40 cavalos. Bailados russos na pista.

Olimpia

D'recção de Leopoldo O'Donnell, um dos mestres da cinematografia portuguesa e um dos industriais mais categorizados. Films de primeira escolha. As grandes produções europeias e americanas. Ultima-men e grandes transformações na sala e dependências de forma a tornala a preferida do publico.

Milagre de S.^{to} Antonio

Página de prosa admirável
onde passa o fio duma novela
linda, sentimental e cheia de
amor e encanto.

FERNANDO, o pecador rodeado de tentações, Antonio, o santo taumaturgo de Lisboa, patrono das almas moças, é festejado com alegria, danças e folguedos, pela mocidade casamenteira.

Não ha rapariga de coração aventureiro e cabecinha leve que, passada a puberdade, o não conheça nos altares, retabulos e nichos iluminados e lhe não rese devotadamente, religiosamente, no silencio da noite, uma préce orada, de labios unidos, em beatitude discreta e ingenua, pedindo, em oração, a conquista dos seus sonhos infantis—quimeras envoltas em vaporosas gazes rodopiando fantasias.

Talvez por isso, na boca da mocidade feminina, o santo creasse uma aureola de encanto, de crenças e de lendas—lindas como todas as lendas—sagrando o milagre de unir corações como, junto da fonte, ligava com saliva os cacos das bilhas quebradas.

Em Lisboa, o dia de Santo Antonio toma um aspecto interessante pelo característico que encerra. pelo pitoresco do arraial alegre, engalanado a tufoz garridos de papel; as tipicas desgarradas, as cornetas de barro bulhentas e infernais, enlevo da garotada; os vasos de mangericos, verdinhos e redondos, dum perfume genuinamente português, cravos de côres vistosas, onde ha sempre uma quadra amorosa; as alchofras vestidinhas de roxa tristesa, queimadas á meia noite, respigando esperanças no die seguinte; os baldes iluminados e gaiteros nas marchas *aux flambeaux* e o povo distraido das suas occupaões e agruras cantando alegremente o *rasga*. E a juventude anda em dança de roda, em descantes de romaria, em bailados e canções, que occultam amores escondidos a bater no coração.

castelos, edificando illusões, que têm conclusão nessa noite festiva. Deitam *sortes*, desde os cinco réis—tempos que já lá vão!—atirados á fogueira e que o primeiro pobre receberá a troco da suspirada esmola do seu nome, até o chumbo derretido formando exóticas piramides na agua, a indefinida *buena-dicha* de sempre; desde o bochecho dagua cuspidado á rua, escutando a voz do mundo num simples nome proprio que vai direitinho ao coração, balsamico perfume de tantas primaveras em flor, até o sapato atirado sofisticadamente pelos degraus... E é um nunca acabar de tradições e de credences, a palpitar esperançoso no peito da gente nova... E se o santo, surdo a todas as manifestações de piedosa e interesselra simpatia não conse-



E levava as tardes, os olhos sonhadores postos nos longes...

gue, momentaneamente, deferir as falsas felicidades que as endoida, é certo que a sua imagem, florida e alumiada, será virada desapiedadamente para a parede, de olhos vendados, suspensa com inclemencia nos poços ou estilhaçada na rua.

Mai se aproxima o Santo Antonio, as moças andam doidas, construindo

Numa terrinha provinciana banhada pelas aguas glaucas e tranquilas do

Tejo vivia Helena, uma rapariguita franzina, discreta e timida, que tinha no mais recondito do peito um segredo pequenino a vibrar, segredo moço, palpitante de vida, segredo a aflorar-lhe aos labios, de que só Santo Antonio era confidente... E levava as tardes, olhos sonhadores postos nos longes, esperando pacientemente esse que viria—que viria com certeza—arrancá-la á melodia dos seus sonhos cheios de inéditismo e de ternura. E foi esperando, esperando, envelhecendo naquele enlevo, adormecendo de esperanças a



As moças andavam em roda viva, á porfia...

mocidade... O milagre havia de cumprir-se. Pois não resava ela, ajoelhada, com tanta fé e devoção, ante uma imagem antiga que viera transitando de geração como uma verdadeira reliquia? Quando Maio floria a sua janela engrinalhada de rosas, ficava se a scismar, toda envolvida em fantasias que a faziam ruborizar pensando como lhe iria bem, no dia do noivado, ramo fresco e viçoso das rosas, emurhecendo nas suas mãos alvas e finas que tantas vezes se tinham erguido unidas como ogivais traços, beatificando o milagre.

Iam florindo rosas, iam murchando rosas, iam abrindo flores, iam feneendo flores, depois dum ano outro ano, depois dum outono outro outono, amarelecendo folhas e desfazendo enfeitados enganos... Depois... mais uma primavera florida, mais uma illusão de vida a renascer, e ela, branca e loira, olhar distraido, continuava enlevada, acalentando esperanças por esse que viria accorda-la dessa enganadora melodia, *berceuse* dolente, sonho leve que sem sentir a ia avelhentando.

Naquele felício ia aguardando ansiosa a confirmação duma amanhã diferente que viesse arrancar a á monotonia daquela vida sem doçura nem beleza espiritual.

A's vezes, encostava a cabecinha loira, espreitando pelo cortinado verde da folhagem, o mate do rosto a confundir-se com as rosas de tocar, corimbos de cor, e assim, embevecida, enlevada, ia vendo correr no *écran* do pensamento a jornada da mocidade perdida na banalidade das coisas. As outras, mais feias e mais sem interesse do que ela, iam casando, construindo lares—e ela p'r'ali, desfeita em recordações, a amarfanhar-se de saudades, sem saber de quê...

Nunca ninguem lhe falara de amor, talvez pela rebeldia incompreensivel do seu temperamento esquivo, talvez pela graça escondida tão avaramente,

que nem de leve deixava adivinhar. Se julgava amar alguém que por instantes a impressionara, era sempre um amor a desfazer-se na penumbra da indiferença. E uma lagrima furtiva e atrevida, cristalina na gota, ia rolando, escorrendo a medo, silenciosa até perder-se entre as rendas do seio.

Nunca o Santo Antonio fôra tão alegre como naquele ano. Os mastros enfeitados de murtas, loendeiros e marcelas exalavam aromas campestres. As moças andavam em roda viva, á porfia, qual delas seria a mais pretendida e lisongeada. Feixes de alecrim cheirosos, molhos de rosmaninho rescendendo a mato, transformados em labaredas rubras, coleantes e abrasadoras faziam a alegria da gente moça irrequieta e folgasa, trazendo á lembrança os velhos, tão animados outrora, saudosos recordações dos tempos idos. As bocas desdentadas abriam-se num grande riso aberto; as cheias de fresca e estridulas gargalhadas retinindo cristais que iam encontrar eco na dos conversados.

No palanque improvisado havia farras e a matulagem do sitio, de jaqueta e barrete, tocando ferrinhos e gaitinhas de boca, berrava cá de baixo:

—Eh pá! toca a moda!

E toda a *troupe* que compunha a *orquestra*, sem se fazer rogar, em gestos de ginastica sueca e esgares *jazz bandescos*, tocava ao desafio qual desafinava melhor...

Rebentavam bombas e estalos da India. Se algum estalava mais forte, as raparigas, em gritinhos, fugiam assustadas, como bandos de pombas.

Só Helena, presenciando a alegria ruidosa e festiva que girava em redor, pedia, mais uma vez, numa oração mental, se realisasse o milagre, terminando aquela vida sem vida.

Passou o Santo Antonio. Já dos mastros ia caindo seca a verdura, e entretanto não se realisara o milagre que ela havia tanto com tanto fervor pedia. E no oratorio, a imagem benta do santo, com o Menino Jesus ao colo, sorria, com o seu sorriso piedoso de sempre.

A sua alma de pomba mansa, candida como os lirios, sentiu-se ferida por aquele sorriso que para ela era já um sarcasmo. E numa irritação crescente, doida, alucinada, num travor de pecado, agarrou na imagem antiga que viera, de familia em familia, adornando o oratorio, e atirou a pela janela, indo estilhaçar-se na rua—casualidade imprevisita—aos pés do novel delegado, rapaz que recentemente concluiu o curso e que viera de Lisboa, havia dias, tomar posse do lugar.

Desesperada ainea, um tudo nada arrependida da má acção que acabara de praticar, debruçou se da janela, de mãos estendidas pelo movimento impulsivo do arremesso, quando êle, surpreso, vendo ainda sorrir piedosamente a cabeça do santo rolando pelo chão

CONTINUAÇÃO NA PAGINA 7

TENHO um amigo que decerto conhecem—exactamente o Inocencio—que fica transformado, como sabem, perante as grandes invenções.

Teve ha dias nova crise. Contaram-lhe na Repartição onde trabalha (o menos que lhe é possível, já se vê) a grande descoberta da transmissão de fotografias e documentos pela telegrafia sem fios.

Nesse dia nem trabalhou, deliciado com a ideia de poder talvez no futuro desempenhar a sua ardua tarefa de assinar o ponto, mesmo na cama, pela telegrafia sem fios, e com vencimentos por inteiro.

Mas, como sempre, começou depois a fantasiar os varios prós e os varios contras da invenção e foi nessas terríveis locubrações que o encontrei.

—Então já sabe?—disse-me ele.

—Você ainda não me contou nada.

—Falo da grande descoberta, da transmissão de fotografias, jornais e escritos a distancia...

—Isso é velho. Pelo correio é facilimo.

—Mas sem fios, meu amigo...

—Desatados.

—Não, pela telegrafia sem fios, sem fios nenhuns; é maravilhoso! Li ha dias nos jornais as varias experiencias que se têm feito.

—Sim, tu tambem vi.

—E então que lhe parece?

—Parece-me que não venho a ganhar nada com isso. Estas invenções não nos devem trazer grandes vantagens; pelo contrario.

—Ora essa! Uma economia no futuro. Tudo sem fios.

—Não é grande vantagem. Isto já está tudo por um fio.

—Mas é que não pensa na rapidez, na facilidade das comunicações...

—Penso apenas nas dificuldades que nos vai trazer e nos embaraços em que uma coisa dessas nos pode colocar...

—Mas como?

—Pois não vê que com o progresso de semelhantes descobertas, com o aperfeiçoamento de semelhantes invenções, nunca mais pode haver segredos, combinações secretas, coisas confidentiais. Ha depois sempre o perigo de termos perto um desses aparelhos indiscretos. Então é que as paredes não terão apenas ouvidos como agora, mas varios outros sentidos apurados. Já

depois você, Inocencio, não poderá pôr pé em ramo verde e estará sempre de pé atrás, quando pense nalgum pé de alferes, não vá a sua mulher ficar com a pedra no sapato, por via de algum desses inventos que esteja ao pé de si e lhe ponha o «ménage» em pé de guerra.

—Tem razão; não tinha pensado em tais percalços, que são na verdade de prever. Minha mulher transformada em «Je sais tout» era o diabo. Se ela assim já é um «Je sais quasi tudo», o que será depois e o que será de mim.



—Então já sabe?—disse-me ele.

—Não tenha duvida. Mais tarde, com este crescendo do progresso, os segredos, os misterios, são impossiveis. Depois será tudo publico e notorio. As guerras vão complicar-se com a revelação dos planos, dos documentos, que não poderão occultar se, que atravessarão as fronteiras sem que ninguém possa dar por eles.

—Estou a vêr que mesmo a paz, principalmente a paz do lar, vai ser um pouco complicada.

—Ha muitas coisas que depois acabam, outras que se tornam inuteis. Para que servirão os correios, os telegrafos, os telefones?

—Que pena. Lá se vão as carlinhas perfumadas de frases ternas, que era tão agradável receber. Aquelas pieguices dos velhos tempos: «nas ondas dos teus cabelos»...

—Agora já nem os cabelos, nem as ondas.

—E depois será tudo em ondas artzianas.

—Ora veja que prosaismo. Não, meu amigo, decididamente todas estas coisas veem tirar o encanto, a beleza, a

bater das cinco, lá estava uma cabecinha loira espreitando por entre o cortinado verde da folhagem que adornava a florida janela, confundindo o mate do rosto com as rosas de tocar.

Meses depois, á mesma hora em que a imagem se estilhaçara na rua, Helena, franzina e meiga, ingenua e timida, saía da igreja vestida de noiva, sobraçando uma molhada de rosas brancas... Realisara-se o milagre. E se ha mais tempo fôra conhecido, quantas santas imagens não estariam a estas horas feitas em cacos!

ELVIRA LIDIA —L. DE
SOUZA VALENTE

ALGUNS INCONVENIENTES DO PROGRESSO

poesia, que a vida tem. Tudo artificial, tudo mecanico, tudo material, tudo prosaico.

—O que eu não compreendo é como se pode transmitir a distancia uma fotografia, um documento?

—Consegue se, empregando o silénio.

—Esse ja está empregado!

—O que me diz?

—Sim, lá no Ministerio. O Silénio da Silva foi nomeado para a 2.ª secção da 8.ª Repartição da Direcção Geral da Fiscalisação Technica dos Portos, Docas e Caminhos de Ferro dos...

—Etc., não ponha mais na carta. E' uma daquelas repartições em que os funcionarios, para lhe escreverem o nome, gastam as horas do expediente quasi todas...



... e qualquer de nós poderá estar em contacto permanente com o mundo...

—Bem vê, é uma forma de lhes darem que fazer.

—Mas eu referia-me ao produto empregado para conseguir a transmissão de que falou...

—Ah! compreendo. Desculpe a distracção. Esta cabeça!

—Anda um pouco electrizada, compreendo.

—Se lhe parece; tenho andado a

fantasiar o que será tudo isto no futuro. A facilidade de comunicações. Todos poderão trazer aparelhos portateis de telegrafia sem fios e qualquer de nós poderá estar em contacto permanente com todo o mundo...

—E até com aqueles de quem desejaria andar afastado.

—E o tom moderno, ultracivilizado que todos nós teremos, com os respectivos aparelhos no chapéu, por exemplo, e os respectivos auscultadores perpetuamente aos ouvidos, e o permanente conhecimento de tudo o que se vai passando em todo o mundo, sem necessidade dos jornais...

—Dave fazer um belo efeito...

—Não tenha duvida. Já ninguém deixará de andar apetrochado com os seus aparelhos e as respectivas antenas...

—Ha já muito quem use.

—Creia, meu amigo, ninguém pode prever ao que esta coisa da telegrafia sem fios pode chegar. O que será possível fazer com tal invento, a avaliar pelas constantes applicações que lhe estão dando.

—Comunicar mesmo com o além...

—E além disso, muito mais. O que já se tem feito autoriza-nos a supôr que muitas outras coisas se podem transmitir por essa forma.

—Mas se começa a poder transmitir-se tudo, é uma catastrophe!

—Não tenha duvida que admito mesmo a hipotese de começarem os proprios meudos a vir de França, pela telegrafia sem fios.

—Ora calcule a calamidade! Não tenha duvida que depois ninguém se casa.

—Mas porquê?

—E' uma temeridade, meu amigo, Por muito cuidado que um marido tenha nas facturas, haverá sempre o perigo de ter de pagar productos que não encomendou...

AUGUSTO CUNHA

VARIA

TOINHO
DE
PACIENCIA

CASAS
PALAVRUCIDAS
o passatempo moda

N.º 1
7.ª SÉRIE

SECÇÃO CHARADISTICA
SOB A DIRECÇÃO DE
VISCONDE DA RELVA

11
DEZEMBRO
1927

Toda a correspondência relativa a esta secção deve ser endereçada a Americo J. L. Coelho—Rua D. Pedro V, 18—Lisboa

Apuramento do n.º 9 (6.ª SÉRIE)

PRODUTORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

JAMENGAAL
N.º 1 6 Votos

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

AFRICANO, BIXO KNHOT, D. GALENO, JAMAR.
Com 20 decifrações Totalidade

QUADRO DE MERITO

TANAORA, 12—RENANDI, F, 10

OUTROS DECIFRADORES

Tansos, Zé Matias, 9—Abade Mecum, Figueiro, Idílio, 8—Visconde do Prado, 5—Gaduroma, Lady N. A., 3—Rosa do Adro, 1.

DECIFRAÇÕES

1 IDILIO, 2 Povoada, 3 Barataador, 4 Ex-abrupto, 5 Promessa, 6 Embebeado, 7 Reborado, 8 Naumaquia, 9 Desastado, 10 Abantes, 11 Poetrad, 12 Quogelo, 13 Franqueada, 14 Tagada, 16 Transfuga, 16 Boiádo, 17 Bratada, 18 Pitonisa, 19 Pagode, 20 Talan.
DURAS.—N.os 3, 6, 9, 10, 11, 16 e 17, respectivamente de «Dr. Gryll», «Africano», «Frangiques», «Guy Pego», «Jafral», «Raxalas» e «Sotu-no», com 4 decifrações cada uma.
DEDICATORIAS.—Apenas «African» e «Rosa do Adro» cumpriram.

CHARADAS EM VERSO

(A «Rosa do Adro» com muitos parabens pelo ultimo soneto que fez publicar no «Moitinho».)

1 A que chama fraqueza da mulher?...
Fraqueza será tudo... até o Amor!
Mas nunca a louca ausência de valor
Que p'ra guardar a honra é mister!
Travar renhida luta por qualquer
Paixão, e succumbir sem uma dor
Horrassamente, como um vencedor,
Poderá ser fraqueza, se quizer...
Porém, que a Morte ponha termo à Vida—2
Mas fique a honra sempre defendida
Dum falso Amor, «nem» material desejo! —1
Enquanto a mim, por caprichoso intento,
Dou-lhe um conselho agora muito tenso;
Que não vá nada além dum simples beijo...
Lisboa JAMENGAAL

2 Ilustre Director, «Visconde» assaz ladino
Que nisto do «Moitinho» julga e pontifica,
Deixa que este abulhudo atento mas cretino,
E «amparo» tenha jus, pois pouco vesfifica.—2
Deixa que o abulhudo que tanto supplica,
Se «exp-nha» à vontade em grande desatin»,
Embora se envergonhe do seu cruel destino...—2
—E' justa a predição, pois tudo a justifica.—
Sincera gratidão, tributo-lhe da alma
Se for este trabalho accito, como espero,
Mas, enquanto não vem a suspirada palma
Que ha-de coroar o emulo d'Homero?
—Eu nisto tenho fé e a necessaria calma. —
Deixa que occulto escreva o vosso
Povo de Varzim RUI SEVERO
(Agradecendo a «Visconde do Prado»)

3 Tomei sua «embarracção» —2
Assim que o sol despontou —1
Mas não cheguei ao destino
A «embarracção» naufragos.
Mafra CHICA SALOIA

Para que me deste um beijo? —1
Se vejo em mim despertar
Um ansioso desejo
De viver, p'ra te beijar.
Na tua boca formosa,—1
Eu quizeria colocar
Um beijo de cor de rosa
Lindo como o teu olhar

Lisboa ORLANDO-O-PALADINO
CHARADAS EM FRASE

5 A moda atual da Indumentaria masculina tira a força moral de toda aquela que a segue, fazendo-me pensar em tanto homem efeminado...—3—1.

Casals ANELE
6 Enfastias-me, ao saber que por onde passava me julgavam um valente.—2—1.

Lisboa AFRICANO (A. C. P. B.)
(4 «Bixo Knhot»)

7 Quem passa à noite por um atalho deserto, «nota» em si um forte abalo e uma sensação de medo.—2—1.

Lisboa ARARA
8 No bosque, com os Mauritanos, desconfiou se um valente.—2—2.

Lisboa BARÃO DO TACHO
9 E' um crime martirizar um porco sabendo se que o seu fim é sempre fustado.—2—1.

Poço do Bispo DR. MIRONES (A. C. P. B.)
[Respondendo a «Renandi», a respeito da sua «Credido»]

10 «Telmo» de hoje em diante com qualquer individuo, embora não tenhas fama, porque me sinto neste momento a parte de uma classificação.—2—2.

Dafundo D. SIMPATICO (A. C. P. B.)
11 Uma alliança é a mais sólida garantia de um amido.—2—2

Lisboa EURISTO
(Para o «Dropé» se entreter)

12 Andando à procura duma applicação de modela para reforçar qualques peço, apenas encontrei uma falha depois de toda ter pesquisado.—2—3.

Lisboa JOFHALO (F. E.)
13 ... Por fim faltou-lhe a força e o homem a quem a mulher é infeliz desfecho-lhe um tiro à quei-na-roupa.—1—3.

Barcarena PATO BICOAS (A. C. P. B.)
14 Dei-lhe uma sova, por não gostar de o ver com o fato muito usado.—2—1.

Lisboa PAUSANIAS
(Ao sr. «Vasco Dias», imitando o seu estilo)

15 Quando um navio se mete debaixo de água, fica com a «forma» «torçada imperceptivel».—3—1.

Lisboa ROSA DO ADRO
(Ao Ex.mo Capitão Leite)

16 No compartimento de uma casa muito conhecida em Lisboa, pratica-se muita devassidão.—2—3

S. Julião da Barra SOBA DA TORRE
17 Uma «espécie de cereja que os antigos egipcios fabricavam» era substituida em dias de festa nacional pela «mistura de leite» com cereja, usada como bebida entre alguns povos.—2—2.

Lisboa SPARTANUS
(A' minha antigalha «Anete»)

18 O recreio do casino é uma das partes em que o seu lindo minimo é muito «divertido».—2—1.

Lisboa TANAORA
19 Tenha cuidado com este obstaculo, que é nem tanto perigoso.—3—1.

Enxara do Bispo VISCONDE DO PRADO
(Ao Ilustre «Jota»)

20 Veste com fato novo o rapaz, mas «nota» que o quero ver bem vestido.—4—1.

Mafra XIGATO
RECTIFICACAO

O número de sílabas da charada 17, do último «Moitinho», é 3—1.

Secção dirigida por VISCONDE DA RELVA

Toda a correspondência relativa a esta secção deve ser endereçada a Americo J. L. Coelho—Rua D. Pedro V, 18—LISBOA

Apuramento do N.º 147

DECIFRADORES

EDIPO IGNOTO, GADUROMA.

DECIFRAÇÕES

1 Lusitano. 2 Cotevias. 3 Parreira. 4 Custódio. 5 Ratoeira. 6 Católico. 7 Diarista. 8 Martírio. 9 Dilatado. 10 Misseiro. 11 Doloroso. 12 Separada. 13 Diminuir.

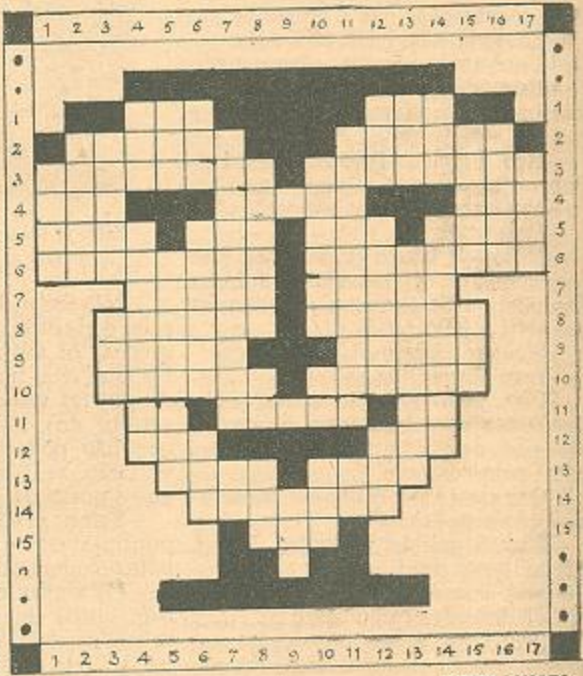
RECTIFICACAO

No ultimo problema, de «D. Simpatico», temos a rectificar a designação do circulo 9, que é «concordara» e não «ass'nara».

PROBLEMA DE HOJE

HORIZONTAIS.—1 Goiteira, «cavilha». 2 Desculpal, oprimem. 3 Ordinario, agravadas. 4 «Palmeira de S. Tomé», anagrama de «nonio», filha de Hermione. 5 Vermelha, elogio, divindade dos Galos, tradição historica dos escandinavos. 6 «Cidade da Russia», repetiram. 7 Quadrar, «instrumento musico». 8 «Homem», discussão. 9 Anagrama de «chama», sofismo. 10 «Indigenas da Nova Zelândia», anagrama de «acuse-o». 11 «Nota» (inv.), «grande artéria que nasce no ventriculo esquerdo do coração», abreviatura de senhor. 12 No tempo de, esta. 13 «Fecho», humilha. 14 Reduzir a pó. 15 Lugar adjunto.

VERTICAIS.—1 Indício. 2 O que outorga. 3 Unha encravada, «medida da Holanda». 4 Chefe, trazeis ao bom caminho. 5 «Medida de capacidade», nevoentos. 6 Excessiva timidez, «freguesia de Portugal», Jupiter. 7 Impericia, decifra. 8 Burro, debaixo de, ovário dos pei-



EDIPO IGNOTO

EDIPO IGNOTO.—Tem o illustre confrade muita razão, mas nada mais podemos fazer. A caligrafia dos colaboradores não influe nas grelhas, como julga, porque o original das duas secções é tudo passado em linguado de papel, com a necessaria correcção. A causa é, pois, apenas a que o illustre confrade já deve estar a ver...

MOSAICOS
A maior produção de Portugal
Os de melhor fabrico
GOARMON & C.A
A maior fabrica do país
Escritório:
Travessa do Corpo Santo, 17, 19
e 21—Rua do Corpo Santo, 32
LISBOA
Azulejos—Louças
sanitarias Cimentos
OUTROS MATERIAIS DE
CONSTRUÇÃO
Pedir catalogo e preços
Telefone C. 1244

OURO
Joias com brilhantes
Grande sortimento muito mais
BARATO
SÓ NA OUVESARIA
CORREIA & MOURA
RUA DE S. PAULO, 186
(Proximo á Casa da Moeda)
USEM O
Pó d'arroz «Gabriela»
Especialidade da
PERFUMARIA ELITE
LARGO DO CALHARIZ, 18
Telef. 140 Trind.

V A R I A

A maior poetisa francesa

NA semana passada, um professor da Universidade de Grenoble fez, na nossa Faculdade de Letras, ante um numeroso e culto auditório, uma conferência sobre a vida e a obra duma das mulheres mais célebres do nosso tempo: a grande poetisa francesa Anna de Noailles, condessa de Noailles.

Perante o espírito dos seus atentos ouvintes, o professor Paul Morillot desenvolveu o glorioso «film» dessa vida que se encontrou com a Glória no primeiro ano deste século, vinte e quatro anos depois de entrar no mundo.

A poetisa do «Coeur Innombrable» não pertence—como muitos supõem—á família romana dos Príncipes Bibesco. É filha dum príncipe romeno, mas da casa das Brancovasi

mência com que traduz os mais secretos sentimentos, as aspirações dum coração ansioso o deslumbramento quasi angustioso que produz a mais panteísta visão do mundo e das paixões.

A condessa de Noailles foi o primeiro poeta latino que se integrou com a Natureza, que transpôs para detalhes da paisagem detalhes da sua própria sensibilidade. Antes dela aparecer, apenas Lamartini sentira tão profundamente a perfeita comunhão de alma humana com a Natureza, de que essa alma é parte integrante e simples pormenor.

Numa das suas poesias mais conhecidas, a condessa de Noailles descreve o caracter da sua sensibilidade, dizendo que dentro dela vivem, simultaneamente, uma freira—severa e



DAMAS

Toda a correspondência referente a esta secção deve ser enviada a Artur Ferreira Santos, para o «Domingo Ilustrado», Rua D. Pedro V, 18

Solução do problema n.º 145

Branças	Pretas
1 6-10	3-14 (A)
2 15-18	14-23
3 12-16	23-12
4 20-24	27-21
5 2-7	20-2
6 4-8	12-3
7 1-6	2-9
8 5-14	3-17
9 13-22-31	

Oanha (A) 3-17

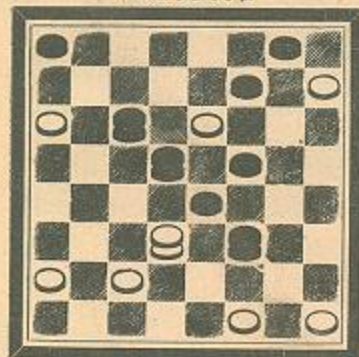
1 13-22-31 Oanha

As brancas pela posição em que ficaram, facil lhe seria a vitória.

PROBLEMA N.º 146

do Sr. Adriano Barata Salgueiro

Pretas 3 D e 5 p.



Branças 1 D e 7 p.

Saca as brancas e ganham.

Resolveram o problema n.º 144 os srs. Alípio R. Amaral (Oipila), Mario Domingos (Creira), H. Braga (Setúbal), Miguel Jesus Fanamallo (Vila M. de Santo Antonio), Armando Pinto Machado (Ilhavo), Fami (Vila Real de Santo Antonio), Adriano Barata Salgueiro (Bemfica), e B. Oliveira Augiar (Porto), nosso antigo amador conhecido por um principiante Carvalhos.

Os amadores que nos tem enviado os seus problemas tem de ter paciência na demora da sua publicação, que é originada pelo grande numero que se encontra em nosso poder.

Famil. Ha diversos livros que tratam de Damas. Em português conheço dois. «Jogo das Damas», por José Syder, (edição de 1903) que se encontra esgotado, existindo um exemplar na biblioteca Nacional de Lisboa, e «Manual de todos os jogos», que poucas indicações oferece.

Ha tambem alguns em espanhol, mas o que poderá encontrar com mais facilidade é o «Traité du Jeu de Damas».

OIPILA—As pedras a quem tenha sido dado mate, só poderão ser levantadas depois de pousada a Dama. O resultado que V. Ex.ª encontrou fica portanto nulo no ultimo lance.

MOVEIS

GRANDE SORTIMENTO de mobílias de quarto, salas de jantar, escritórios, salas em diferentes estilos e madeiras. DECORAÇÕES. Sorrido de tapetes, carpetes, oleados, cortinados, etc.—MOVEIS DESIR-MANADOS; toilettes, guarda-vestidos, camas, mesas de cabeceira, etc.—Preços sem competência.

Armazens Barroca

31, RUA DA ATALAJA, 35 — Telefone T. 1095



O quadro de Zurroga, existente no Museu de Bilbau, que representa a grande poetisa Condessa de Noailles.

—não menos nobre—e duma compositora grêga. Casou com o conde Mathieu de Noailles, da mais pura aristocracia francesa. A França, sua patria de adopção, e especialmente a bellissima região da Ile-de-France, tem Ana de Noailles dedicado algumas das suas mais geniais composições.

A excelsa poetisa nasceu em Paris, em 1876. Publicou o seu primeiro livro de versos — «Coeur Innombrable» aos vinte e quatro anos, no momento em que a poesia francesa atravessava uma forte crise de desordem e confusão, ferozmente defendida pelos últimos românticos, pelos nebulosos simbolistas, pelos rígidos parnasianos.

A poesia de Ana de Noailles—não só a do seu primeiro livro, como a do que se lhe seguiram, até o ultimo, «L'Honneur de Souffrir» (que data deste ano), não se filia directamente em nenhuma dessas correntes poéticas. É parnasiana pela sua pureza e perfeição verbal; é simbolista, pelo que contém de íntimo e de intraduzível; é romântica,—é, sobretudo, romântica,—pela sua imensa amplitude, pelo seu vôo grandioso, pela ve-

grave—e uma bacante exaltada e delirante, que percorre os bosques, perseguindo o amor, perseguida pelos faunos e pelos sátiros... Os últimos livros da gloriosa poetisa — «Les Vivants et les Morts» e «L'Honneur de Souffrir»—parecem dar a entender que é a freira quem começa a dominar, sobre a bacante, nessa alma inquieta.

A Condessa de Noailles é, já ha anos, membro da Academia belga de Língua Francesa, cuja entrada é de muito difficil acesso. Tudo indica que, mais dia, menos dia, a Academia Francesa a aceitará como o seu primeiro sócio feminino.

No palácio dos Condes de Noailles, em Paris, ha um dos raros salões que mantem a tradição dos grandes salões literários do tempo de Madame de Maintenon e do Hôtel de Rambouillet.

A condessa de Noailles tem sido retratada por quasi todos os grandes pintores da especialidade. É o modelo ideal: é muito bela e traz, nos olhos, o clarão do génio. Retratou-a Gandara, num quadro célebre: «La Dame á



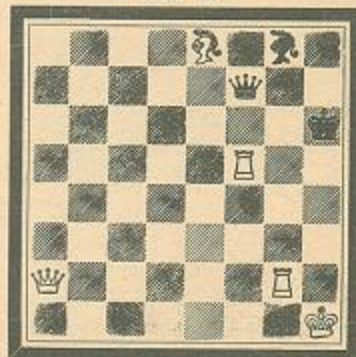
XADREZ

A correspondência sobre esta secção pode ser dirigida a Pereira Machado, Gremio Literario, Rua Ivens, n.º 37

PROBLEMA—N.º 152

por L'hermet

Pretas (3)



Branças (5)

Mate em 2 lances
Solução do problema n.º 151 (Berry)

1 D—2 1

1 «Match» por correspondência: entre os grupos de xadrez do Gremio Literario de Lisboa e do Ateneu Commercial do Porto iniciou-se um match por correspondência em duas partidas.

Falar em retratos,

é lembrar a escolha dum bom photografo. Prefira a PHOTOGRAFIA BRAZIL que mantém uma exposição de lindos retratos de todos os generos.

Rua da Escola Politecnica, 141

FINE «MACIEIRA»

Egual ao melhor Cognac

Deposito—R. Ivens, 47 Telef. C. 3751

l'hortensian; retratou-a Jacques Emile Blanche, que a representou pensativa, junto de seu filho, tambem pensativo. Retratou-a, em 1913, o eminente Zulvaga, numa tela que é um dos melhores titulos de honra do Museu de Bilbau, o qual, em arte moderna, é o mais rico de toda a Espanha. Nesse quadro, a genial poetisa aparece reclinada sobre um «divan», vestida de amarelo, com o negro dos cabelos soltos contrastando com o verde dos olhos, de pupilas fixas no infinito... É uma tela de sabor exótico e oriental; uma tela dum subjectivismo inteligente, onde parece fixar-se todo o indefinido caracter da poesia de Ana de Noailles, dessa poesia que a serena beleza helénica e a veemente alma latina bafejaram docemente, insufiando-lhe as suas mais raras virtudes.

Bazar Alemão

128, Rua da Palma, 130 — LISBOA

Odéon

Politeama

Chiado Terrasse

Jardim Zoologico

Um cinema digno de uma grande capital. Casa de espectaculos modernos, confortavel, de risco bizarro. Odiões exhibe as mais notáveis super-produções de grande fabrica americana «Motte-Godwin Mayer».

Grandes espectaculos cinematograficos com Super-Produções. «Fosa de La Is» 7 partes com Mary Philbin. «Petela» e «L'rimas» com Betty Blythe 2ª feira. Os Últim s Dias de Pompeia, com um conjunto de autenticas celeb. idades.

O cinema da parte alta da cidade. O velho «Terrasse» agora arranjado de novo. O palctos cinemas libebelas. Optimos films, sempre variados e para todos os gostos de publico. As grandes produções de aventuras. Preços sem concorrência. Anxplissima e elegante sala.

O divertimento de grandes e pequenos. Preciosos exemplares da fauna de todo o mundo. O Jardim Zoologico, com o atractivo da sua Aldeia dos Macacos inaugurada pelo illustre arquitecto Raul Lino, acha-se aberto todos os dias, das 10 ao pôr do sol.

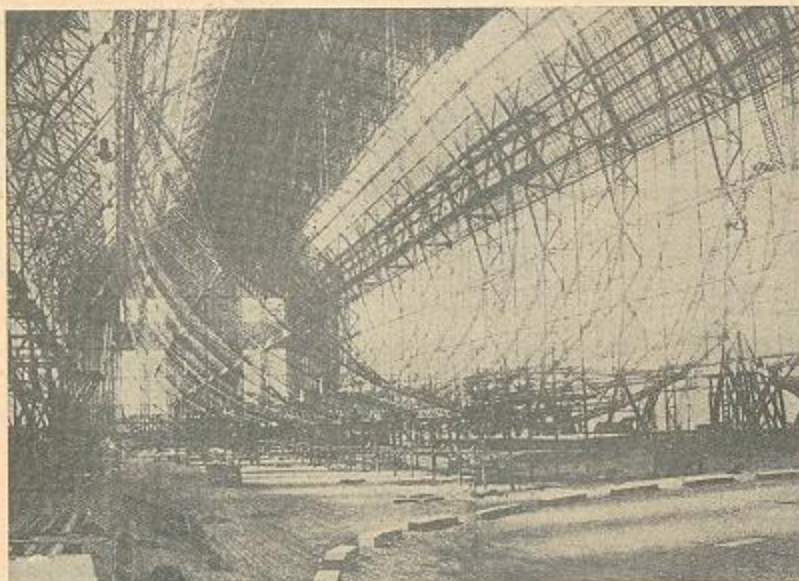
Actualidades gráficas

Verdade ou mentira?



Um medico vienense inventou uma maquina que fazendo a respiração e a circulação artificiais num cadaver consegue fazê-lo voltar á vida. Se for verdade, em breve teremos uma «super-população»...

O maior dirigivel do mundo



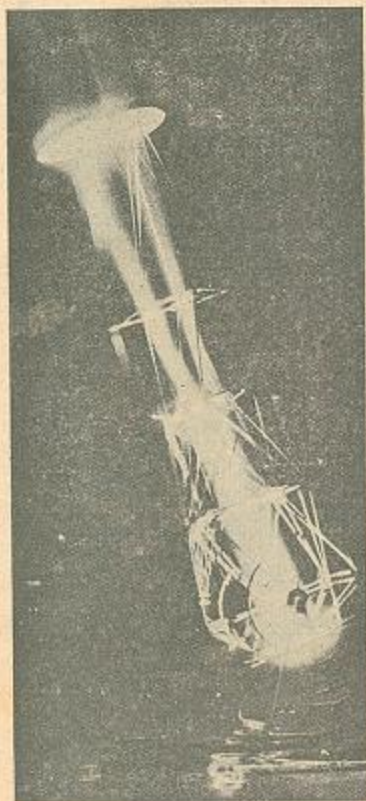
A carcassa do novo L. Z. 127—de 235 metros de comprimento e 33 de altura, que a Alemanha prepara para a luta... comercial.

O novo campeão de xadrez



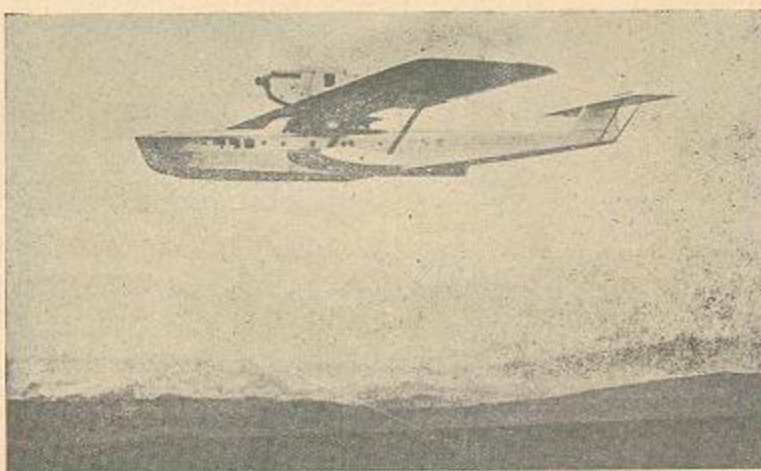
Alekhine, o vencedor do celeberrimo Capablanca no torneio de xadrez de Buenos Ayres, em que conquistou o titulo de «campeão do mundo». — (Foto Mewisse).

A publicidade americana



Fartos de aplicar paredes, taboado, carros, fachadas, etc., para anuncios, os americanos usam agora, como supremo lugar para anuncios... o ceu. Um aparelho que projecta os anuncios contra um ceu de nuvens escuras.

A aviação moderna



O grande expreso aereo de Copenhague a Lübeck. A gigantesca ave mecanica, a mais veloz das carreiras comerciais, conduz 20 passageiros.

Um omnibus aereo gigantesco



Na America do norte está-se construindo uma formidavel aeronave com doze motores e que transportará 100 passageiros. A «barquinha» do futuro gigante do ar.

As festas populares de Paris



Algumas graciosas raparigas mascaradas para a caracteristica testa das Catherinees. (Foto Mewisse).

Joias portuguesas



Formosissimas peças de joalharia da acreditadissima casa J. M. & Pedro Fraga.—R. da Palma, 82.

PUBLICIDADE

LITH.
ARTISTICA
R. DO ALMADA, 34-1.º (ao COLHARIZ)
LISBOA
TRABALHOS TIPOGRAFICOS E LITOGRAFICOS EM TODOS OS GENEROS
PEÇAM ORÇAMENTOS TELEFONE TRINDADE: 229

Portas Onduladas e articuladas em chapas de aço

Em variados sistemas com todos os modelos e maquinismos privilegiados.
A UNICA NO PAIZ



Construção garantida, principalmente para estabelecimentos.—Executam-se concertos no mesmo dia.—Tenho grande variedade de articuladas e onduladas em diversas espessuras e sistemas modernos e antigos.—A maioria dos trabalhos nesta casa são executados por máquinas de força motriz, razão por que ninguém nos pode competir.
OFICINAS—R. da Emenda, 26.—Depositos onde se vendem todos os materiais.—RUA DA EMENDA, 114—LISBOA, —Telefone T, 316—Antonio da Costa



Casa Palissy Galvani
Guilherme F. Simões
LIMITADA

COLOCAÇÕES E REPARAÇÕES DE CAMPAINHAS ELECTRICAS TELEFONES E PARA-RAIOS
LUZ ELECTRICA Deposito de todos os aparelhos da sua especialidade
Preços sem competencia Descontos aos revendedores
13, RUA SERPA PINTO, 15 — LISBOA

HOTEL LUSO-ITALIANO
PAREDE
(LINHA DE CASCAIS)
ABERTO TODO O ANO
SERVIÇO DE RESTAURANT—CHAS
Constantino Molle

FUNERAES TELEF. 1094 N.
DOS MAIS SIMPLES AOS MAIS LUXUOSOS
TRASLADAÇÕES PARA TODOS OS CEMITERIOS, PROVINCIA, ETC.
URNAS, ARMARCOES, COFRES, ETC.
PREÇOS REDUZIDOS SERVIÇO PERMANENTE
MARIO AUGUSTO DA SILVA MILHEIRO
131, R. DOS ANJOS, 133
RESIDENCIA: RUA DOS ANJOS, 139, 2.º E.
LISBOA

Banco Nacional Ultramarino

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

BANCO EMISSOR DAS COLONIAS

SÉDE: — RUA DO COMERCIO — LISBOA

CAPITAL REALIZADO
Esc. 50:000.000\$00

RESERVAS
Esc. 42:000.000\$00

FILIAIS E AGENCIAS NO CONTINENTE — Aveiro, Barcelos, Beja, Braga, Bragança, Castelo Branco, Chaves, Covilhã, Coimbra, Evora, Elvas, Estremoz, Faro, Figueira da Foz, Guimarães, Guarda, Fundão, Lamego, Leiria, Olhão, Ovar, Portalegre, Portimão, Penafiel, Porto, Regua, Santarém, Setubal, Silves, Tomar, Torres Vedras, Viana do Castelo, Vila Real de Santo Antonio, Vila Real de Traz-os-Montes e Vizeu.

MADEIRA—Funchal AÇORES—Angra do Heroísmo e Ponta Delgada
CABO VERDE—S. Vicente e S. Tiago
S. TOME, PRINCIPE GUINÉ—Bissau, Bolama

Correspondente e Agente Geral em Angola e Congo Belga, BANCO DE ANGOLA—Com filial em Loanda e Agencias em Cabinda, Novo Redondo, Benguela, Vila Silva Porto (Bié), Malange, Lobito, Mossamedes, Sá da Bandeira (Lubango), Kinshasse (Congo Belga).

AFRICA ORIENTAL—Beira (Agencia) Banco da Beira, Lourenço Marques Tete, Moçambique, Inhambane, Chinde, Quelimane, Ibo.

INDIA—Bombaim, Mormugão e Nova Gôa. CHINA—Macau. TIMOR—Dili.

BRASIL—Rio de Janeiro, Pernambuco, S. Paulo, Pará, Manaus.

INGLATERRA—Londres. FRANÇA—Paris. ESTADOS UNIDOS DA AMERICA—Agencia em New York.

Operações bancarias de toda a especie no Continente, Ilhas Adjacentes, Colonias, Brasil e restantes paizes estrangeiros.

CURSO DE EXPLICAÇÕES

Preparação para exames de todo o curso dos liceus (sciencias e letras). — *Habilitação paga depois do exame, não a pagando em caso de insucesso.* — *Francês, Inglês, Alemão*, Instrução Primaria e admissão aos liceus para creanças e adultos. — *Curso Comercial* completo para formação de guarda-livros, agentes e tecnicos comerciais. — Os mais modernos metodos de ensino. — Todos os professores são diplomados com curso superior, inscritos nos liceus e rigorosamente especializados. — Os professores de linguas são diplomados com curso superior e especializados nos respectivos países.

Três regimes de estudo á escolha do aluno
Matricula permanente

Nova Escola Progresso R. DA PALMA, 219, 1.º

Só a Funda contensiva do Dr. Barrère de Paris contem as hernias (quebraduras) por mais rebeldes que sejam. Ensaios gratuitos pelo especialista Pedir boletins de medidas.

HERNIA
AS MAIS ALTAS RECOMPENDAS
FARMACIA OLIVEIRA
238, Rua da Prata, 240

RUGBY o automovel mais elegante e economico da sua categoria

Agentes geraes no Sul: T. T. Gonçalves, Suc. 90, R. Rodrigues Sampaio, 92

CHAPEUS DE FELTRO

Para senhoras e crianças—Os mais modernos modelos nas mais lindas cores—Transformações as mais perfeitas em 24 horas!—Os preços mais baratos de Lisboa—Atendemos rapidamente os clientes da provincia.

OFICINA—Rua Arco Bandeira, 139, 1.º E.—LISBOA

A maior tiragem de todos os semanarios portugueses

O DOMINGO

ilustrado

ASSINATURAS

CONTINENTE E ESPANHA

ANO - 48 ESCUDOS -
SEMESTRE - 24 ESC -
TRIMESTRE - 12 ESC -

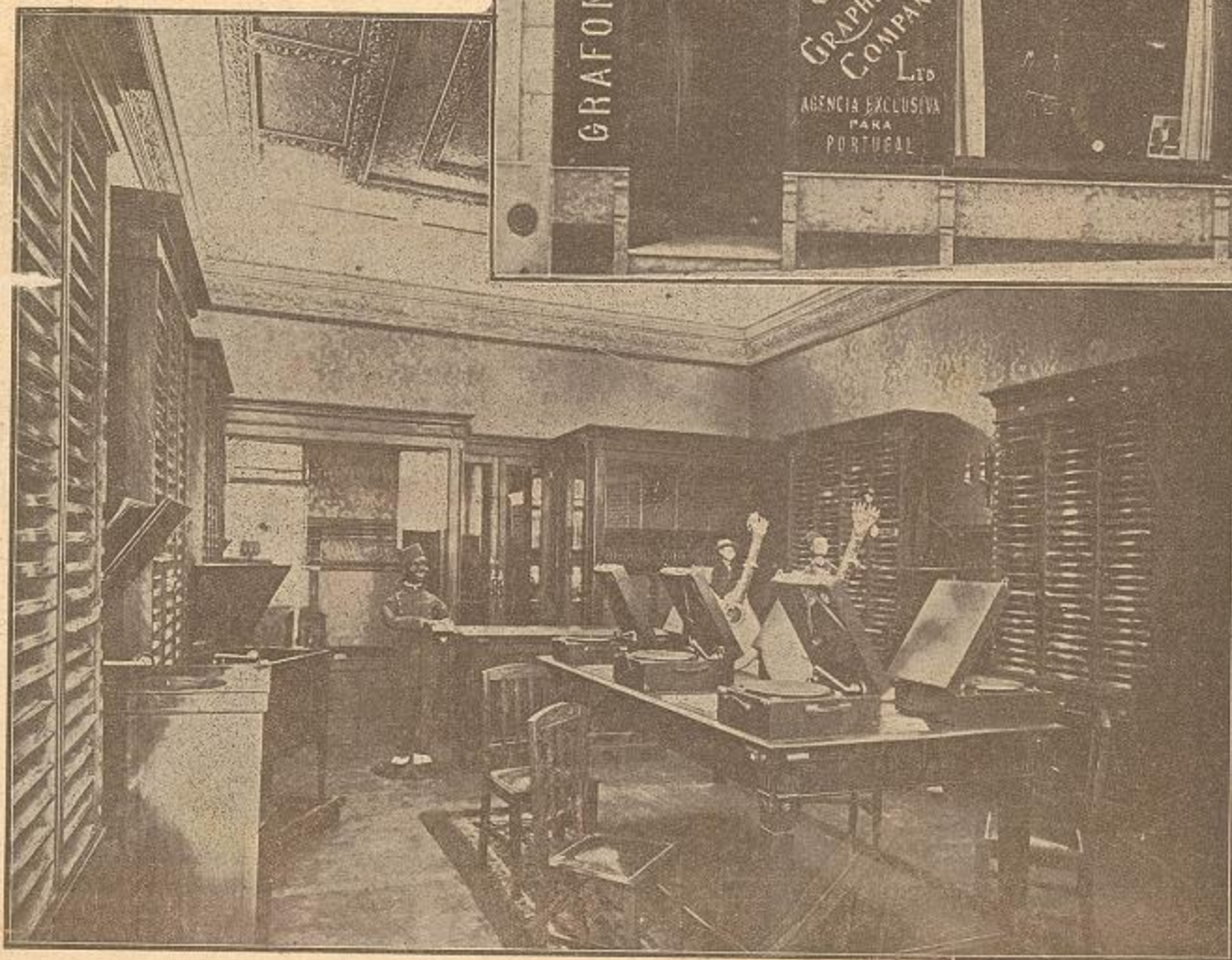
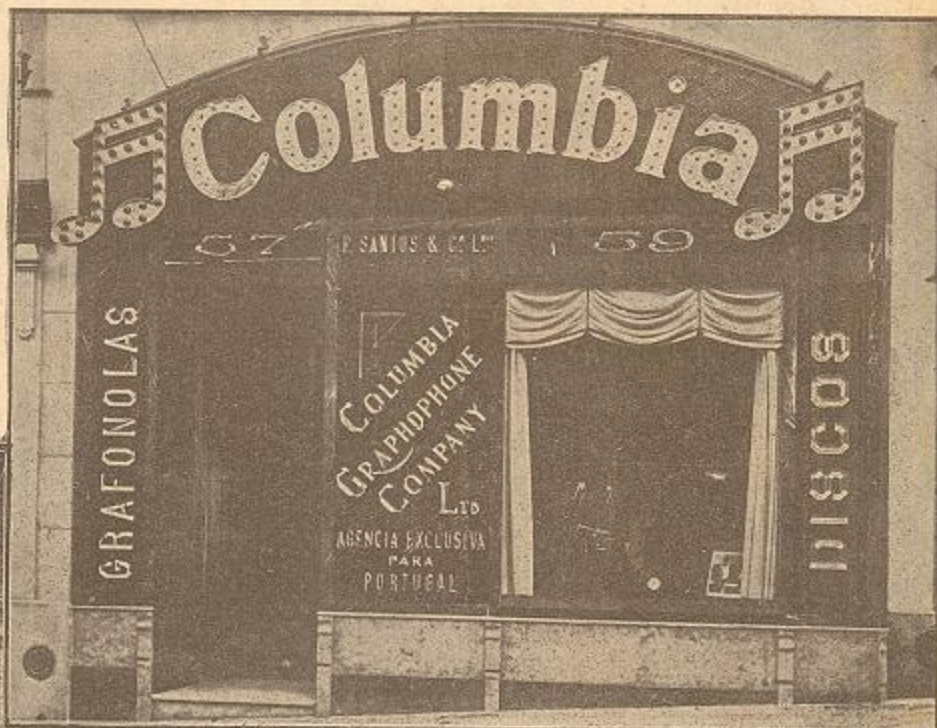
ASSINATURAS

COLONIAS

ANO, 52x20 - 18MESTRES, 26000
ESTRANGEIRO
ANO, 64x64 - 18MESTRES, 32000

NOTÍCIAS & ACTUALIDADES GRÁFICAS - TEATROS, SPORTS & AVENTURAS - CONSULTÓRIOS & UTILIDADES

Um grande
estabelecimento
moderno



Lisboa enriqueceu-se com uma nova casa luxuosa e confortavel, a casa «Columbia», agente da afamada «Columbia Graphophone Company», a produtora das celebres grafonolas e dos discos impecaveis. Os amadores de boa musica não deixarão de visitar o elegantissimo Salão da Rua Garrett, 53 e 57.